

**A EDUCAÇÃO DO CORPO E A EDUCAÇÃO PARA A VIDA: O OLHAR SOBRE A  
EDUCAÇÃO DO CAVALEIRO MEDIEVAL POR RAIMUNDO LÚLIO**

PAULA CAROLINA TEIXEIRA MARRONI<sup>1</sup>

TEREZINHA OLIVEIRA<sup>2</sup>

As práticas corporais, quando observadas pela perspectiva da História da Educação, nos fornecem uma gama de elementos que nos convidam à reflexão. No que tange uma educação que envolva tanto práticas corporais quanto a transmissão de valores, a história nos revela muitos exemplos. No século IV a.C., atenienses buscavam a educação do corpo em complemento à uma vida com mente sã e corpo são, bem como espartanos educavam-se para a guerra e, por meio de suas práticas, buscavam valores como bravura e justiça. Já no século XVIII, com o desenvolvimento dos movimentos ginásticos europeus, educava-se por meio das práticas corporais para o civismo, a disciplina e o desempenho das funções sociais com saúde e energia. Nossa proposta é analisar uma fonte do século XIII, *O Livro da Ordem de Cavalaria* (1272 – 1283), no qual Lúlio enfatiza a importância da educação do cavaleiro medieval em questões tanto corporais quanto espirituais, enfatizando a importância de possuir um corpo perfeito para a guerra, mas carregado de valores como nobreza e honra. Dessa forma, Este trabalho tem por objetivo apresentar a educação do cavaleiro medieval, segundo Raimundo Lúlio (1232 – 1315), como uma perspectiva do século XIII para além das questões corporais: uma educação para a vida. Entendemos que as práticas corporais, ao longo da história, desenvolveram-se em contextos em que, formalizadas, sugeriam a importância da educação corporal para a educação da mente, para a moralização do sujeito, uma educação que perpassasse o corpo mas, que por meio deste, eduque-se também seus valores morais. Seguindo a perspectiva da História Social, a obra, enquanto fonte literária, nos permite observar como um homem do século XIII observava sua história e considerava como ideais, determinadas ações para os sujeitos de sua época desenvolverem na sociedade. O texto apresenta brevemente vida e obra de Raimundo Lúlio, apresentando a fonte de pesquisa e desenrola-se na análise de como Lúlio sugeria a educação do cavaleiro medieval tendo como referência o equilíbrio entre questões corporais e valores morais.

---

<sup>1</sup> Aluna de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – PPE/UEM. Agência Financiadora CAPES.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – PPE/UEM – CNPQ.



**Palavras-chave:** Educação, cavaleiro, Raimundo Lúlio

## **Introdução**

Este trabalho tem por objetivo apresentar a educação do cavaleiro medieval, segundo Raimundo Lúlio (1232 – 1315), como uma perspectiva do século XIII para além das questões corporais: uma educação para a vida. Entendemos, dentro da perspectiva da Educação Física, que a educação do corpo como uma forma de educar a vida, a moral, os costumes, e mais adiante, a disciplinar corpos, a educar para o civismo, é uma realidade que remonta a antiguidade clássica e a formação do cidadão integral em Atenas por meio dos exercícios físicos e da educação filosófica. Entendemos também que, no decorrer dos séculos, esta prática foi retomada em diversos momentos.

Optamos por trazer a tona um desses momentos em específico: o século XIII, no bojo do reflorescimento das cidades, das universidades, da busca por descrever, de forma escrita, os saberes acumulados pelo homem medieval até então. Neste contexto, localizamos um homem e específico, Raimundo Lúlio, que viveu de 1232 a 1315.

Raimundo Lúlio escreveu para diversos setores da sociedade, e destacamos aqui um desses setores: a cavalaria cristã. Lúlio dedicou-se a descrever o processo de educação, as funções, as características necessárias e a forma de avaliação do cavaleiro medieval em *O Livro da Ordem de Cavalaria* (1272 – 1283). Neste, cogitamos que Lúlio tenha apresentado traços da importância entre o equilíbrio da educação do corpo e da educação para a vida, por meio de valores morais e de boa conduta.

Para desenvolver esta questão, este texto inicia-se por uma breve contextualização da biografia do autor e do conjunto de sua obra, perpassado pelo contexto do século XIII, considerando como abordagem metodológica a História Social. Em seguida, aspectos da obra de Lúlio são analisados, principalmente os que se referem à educação do corpo e a importância do equilíbrio com a educação dos valores morais e da boa conduta.

## **Vida e Obra de Raimundo Lúlio**

Raimundo Lúlio, filósofo medieval que viveu de 1232 a 1315, nasceu em Palma de Maiorca, hoje Espanha (MATA, 2006). Viveu uma vida de adultério, trovadorismo e regalias



mundanas próprias da corte de Jaime I e, posteriormente, de Jaime II. Uma noite, enquanto escrevia uma canção para uma dama, segundo narra em *Vida Coetânea*, sua autobiografia, recebeu uma visão do Cristo Crucificado, que se repetiu por cinco vezes. Após esse acontecimento e um grande período de reflexão, peregrinação, preparação e estudo, que demorou mais de 9 anos, Lúlio passou a escrever. Além de escrever, buscou conversar com homens importantes de seu tempo, papas, príncipes, reis, enfatizando suas preocupações com a retomada de virtudes e com a educação da sociedade.

Lúlio ansiava pela unidade das religiões monoteístas em apenas uma, o Cristianismo, já que a considerava a religião correta (JAULENT, 2001). Por este motivo, preocupava-se em converter os gentios e os infiéis, que, em geral, eram representados por judeus e muçulmanos, ou, e suas palavras, sarracenos. Além destes, lhe preocupavam os cristãos que não possuíam uma vida de exemplo e de profissão de sua fé. Para estes, Lúlio escreveu inúmeras obras.

Sua escrita foi profusa. Estima-se que Lúlio tenha escrito, a respeito do cristianismo e suas diferentes dimensões, mais de 300 obras. Ainda é possível considerar suas obras laicas, representantes de um Lúlio não ainda convertido, mas não há resquícios destas obras que nos permitam afirmar com certeza. Sua escrita dava-se em latim e também em árabe, uma vez que comprou um escravo sarraceno para lhe ensinar por nove anos a língua do Infiel. Para ele, para que se convertesse um indivíduo que já possuía uma fé, era necessário argumentos racionais para enfatizar a superioridade da fé cristã. Entretanto, de nada adiantaria refletir sobre estes argumentos se não fosse possível comunicar-se com o infiel em sua língua mãe. Somente assim o diálogo seria possível e poderia levar, ao final, para uma conversão.

Além de latim e árabe, muitas obras de Lúlio foram escritas em catalão medieval. Por este motivo, Lúlio é considerado o pai da língua catalã, ou da língua catalã vulgar. A preocupação com o domínio das línguas estrangeiras era tão grande que Lúlio conseguiu, em 1276 (ROQUE, 2008), que fosse fundada um mosteiro-escola em Miramar, hoje um museu, onde monges pudessem aprender a língua dos infiéis antes de partirem em missão para pregar o cristianismo.

Além das línguas, Lúlio é conhecido em diversas outras áreas. É considerado, por exemplo, um dos precursores da análise combinatória, de forma que Leibniz (1646 – 1716) o citou, em 1666, em *De arte combinatória* ao refletir a respeito de *Arte Magna*, considerando-a ponto de referência para a combinatória (CAMPOS, 2005). Lúlio é também reconhecido na história, letras, filosofia, ciências e medicina.



Dentre todas as suas obras, uma nos desperta particular atenção: *O Livro da ordem de Cavalaria* (1272 – 1283). Esta obra, analisada no Brasil por Ricardo da Costa (2000) e por Zierer (2008), é considerada um manual pedagógico de educação do cavaleiro, destinado ao escudeiro que deseja tornar-se cavaleiro. É composto por um *Prólogo* e sete capítulos.

O *Prólogo* conta a história de um escudeiro que buscava um reino onde ouviu falar que precisavam de novos cavaleiros, e desejava integrar o grupo de guerreiros. Durante o percurso, misteriosamente encontra um velho ermitão que já tinha sido cavaleiro em sua juventude e ambos começam a conversar. O ermitão então percebe que o jovem não possui os conhecimentos que o experiente cavaleiro julgava serem necessários para o ofício da cavalaria. Por este motivo, lhe entrega um livro, o *Livro da ordem de Cavalaria*. Desta forma, quando o leitor vira a página do livro, descobre, ao mesmo tempo que o jovem, os conhecimentos direcionados ao futuro cavaleiro.

Os sete capítulos referem-se à origem do cavaleiro, sua função, as características necessárias para o ingresso na Ordem de Cavalaria, o exame pelo qual o cavaleiro deve passar, a maneira pela qual o cavaleiro deve receber a ordem de cavalaria, o significado das armas do cavaleiro medieval, os costumes que devem fazer parte da vida do cavaleiro e, por fim, da honra que deve ser prestada a ele.

Nossa análise, entretanto, não segue uma linha crescente conforme o livro se desenrola, mas sim em partes que consideramos haver pontos importantes para a reflexão de como Lúlio considerava a relação entre cavaleiros e damas no século XIII.

Salientamos que usamos para este trabalho a tradução para o português de Ricardo da Costa (2000). Ela é uma edição bilíngue, supervisionada pelo Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. O livro apresenta vida e obra Luliana, a cronologia geral de 200 de suas obras (catalogadas), o original em catalão medieval do período de 1279 a 1283 e a tradução para o português brasileiro.

### **A retomada dos valores e virtudes durante as práticas corporais**

Logo no *Prólogo* do texto, podemos observar uma razão para o encontro de um jovem escudeiro, que buscava ser um cavaleiro em um reino distante, e um senhor, um velho ermitão, que em sua juventude e vida adulta havia sido cavaleiro: um diálogo entre os dois mostraria ao velho cavaleiro que o jovem escudeiro apenas compreendia das questões técnicas



da atuação na cavalaria e pensava sobre as características corporais necessárias para exercer a função de cavaleiro.

Faltava a este compreender que, durante a ação da cavalaria, era necessário, além de força física, possuir também força moral. Era necessário que o jovem compreendesse que, na ação do dia a dia, eram necessárias também as práticas virtuosas.

Esta consideração é presente em diferentes momentos no que se refere à história das práticas corporais. A perspectiva de Soares (2002) a respeito da educação no corpo no desenvolvimento dos métodos ginásticos europeus, do qual a Educação Física brasileira, segundo sua consideração, é herdeira, reflete que, em diversos momentos do século XVII e XVIII a educação moral e cívica para além da educação corporal é uma realidade. Apesar de sua perspectiva considerar, em geral, no contexto do século XVIII esta prática como engessadora e limitadora das capacidades corporais, nem sempre em todos os momentos a relação entre ensino de comportamentos durante a educação do corpo se apresenta como negativa. A própria Soares (1992) traça, junto a um grupo de colaboradores, uma perspectiva crítico-superadora para a educação física que busca contextualizar o educando sempre frente à seu espaço e tempo, sugerindo a importância do protagonismo nas ações dos futuros alunos, de forma que todas as práticas corporais demonstrem a intencionalidade educativa do professor. Esta visão amplia a educação corporal, trazendo no bojo do processo educativo do corpo questões históricas, manifestações da cultura corporal de movimento e questões morais.

Entretanto, a relação entre valores e educação do corpo não é exclusividade da perspectiva crítico-superadora. Freire (1989) é um dos defensores de uma educação de corpo inteiro, que perpassa a educação dos gestos corporais ampliando a noção de educação física para uma educação completa do aluno. Da mesma maneira, a perspectiva crítico-emancipatória, de Kunz (1984) salienta que transformações didático-pedagógicas no esporte podem auxiliar o educando no processo de emancipação crítica da realidade e compreensão de que há, junto da educação das questões corporais, muito mais questões envolvidas.

Avançando as perspectivas das abordagens metodológicas próprias da educação física enquanto área de conhecimento, podemos perceber que essa prática também é apresentada por Elias (1994<sup>a</sup>; 1994<sup>b</sup>) no que se refere à domesticação dos corpos durante o que chama de processo civilizador. Dessa forma, entendemos que, no decorrer da história das práticas corporais, são muitos os exemplos de situações que buscam educar para o corpo e para a vida: transmitir valores, condutas, práticas sociais ao mesmo tempo em que se transmitem práticas corporais.

**A educação para o corpo e para a vida no *Livro da ordem de Cavalaria* (1272-1283), de Raimundo Lúlio (1232 – 1316).**

Objetivando apresentar a ótica particular de Lúlio para a educação do cavaleiro medieval, cabe ressaltar que sua perspectiva para a cavalaria cristã é bastante diferente das perspectivas apresentadas por outros homens, denominados por Flori (2005) como Teóricos da Cavalaria. Estes homens seriam, de acordo com Flori (2005), três: Jean de Salisbury (1120 – 1180), Bernardo de Claraval (1090- 1153) e Raimundo Lúlio.

Raimundo Lúlio diferencia-se dos homens que propunham que a ocupação da cavalaria enquanto função social necessitasse, obrigatoriamente, de uma ordenação parecida com a de um monge. Já os seus antecessores, Salisbury e Claraval, pregavam que estes comportassem-se como verdadeiros monges guerreiros, ou guerreiros monges que, entre outras questões, adotassem o estilo de vida monástico e se dedicassem prioritariamente às coisas do espírito, e não coisas do corpo.

Lúlio trata, em sua obra, das práticas corporais como sendo “coisas de cavaleiro”. Por isso, afirma: “O cavaleiro deve cavalgar, justar, lançar a tábola, andar com armas, torneios, fazer távolas redondas, esgrimir, caçar cervos, ursos, javalis, leões e as outras coisas semelhantes a estas que são ofício de cavaleiro [...]” (LÚLIO, 2000, p. 29). Podemos inferir, a respeito dessa citação, que o trato com as práticas corporais é diferentemente apresentado por Lúlio em relação aos seus antecessores. Lúlio parece considerar que, no âmbito corporal, o cavaleiro possui elementos que podem e devem ser treinados, sempre que haja o benefício da fé cristã em supremacia.

Dessa forma, Lúlio reconhece que existem questões que são próprias ao cavaleiro, entre elas a idade e o uso da força. Quanto à idade, nem jovem o suficiente para ser imaturo e nem velho o suficiente para que não seja capaz de manejar as armas:

Assim como no meio está a medida da virtude e seu contrário está nos dois extremos, que são vício, assim a Cavalaria está na idade que convém ao cavaleiro, porque se assim não fosse, seguir-se-ia que a contrariedade haveria entre meio e Cavalaria, e se assim fosse, virtude e cavalaria seriam contrárias. (LÚLIO, 2000, p. 55).

Lúlio parece dar atenção ao equilíbrio entre idade e experiência. Assim, agrupam-se características físicas, como a vitalidade e a força, mas com elementos relacionados á conduta comportamental, como a experiência. A imaturidade pode possuir elementos negativos no que

se refere ao fato de lidar com uma função que exige grande responsabilidade, e, portanto, um peso e pressão no trabalho que requerem a calma da idade:

Ao escudeiro que deseja Cavalaria convém saber a grande carga da Cavalaria e os grandes perigos que são destinados a aqueles que desejam manter a Cavalaria; porque o cavaleiro deve mais hesitar perante a censura das gentes do que perante a morte; e vergonha deve dar maior paixão a sua coragem do que a fome, sede, calor, frio ou outra paixão e trabalho a seu corpo. E por isso todos estes perigos devem ser mostrados e denunciados ao escudeiro antes que seja armado cavaleiro. (LÚLIO, 2000, p. 60)

No entanto, a mesma idade, em estágio avançado, pode trazer prejuízo no que se refere ao excesso de prudência e também na vitalidade, pois a idade avançada debilita a força do cavaleiro. A respeito da idade avançada, Lúlio afirma: “[...] E se o escudeiro é velho e tem debilidade de corpo e deseja ser cavaleiro, antes que fosse velho fez injúria à Cavalaria, que é mantida pelos fortes combatentes e é alvitada pelos fracos, despossuídos, e vencidos fugitivos” (LÚLIO, 2000, p. 55). Observamos, portanto, que Lúlio sugere o equilíbrio na idade para que o cavaleiro possua agilidade para o manejo e porte de armas tão pesadas quanto às descritas por Lúlio no quinto capítulo da obra

O uso da força parece ser uma questão à qual Lúlio (2000) atribui muita importância. A força física é característica inerente à prática cavaleiresca, uma vez que, por meio dela, os homens podem manejar os cavalos, as armas, lutar contra os infiéis, os ladrões, os salteadores. Entretanto, a força física é inútil, na perspectiva luliana, se não estiver ligada à coragem. Observemos suas palavras: “Se cavalaria estivesse na força corporal mais que na força de coragem, seguir-se-ia que a Ordem de Cavalaria concordaria mais fortemente com o corpo do que com a alma, e se assim fosse, o corpo teria maior nobreza do que a alma” (LÚLIO, 2000, p.35).

É possível inferir, por essas questões, que a ótica de Lúlio é bastante particular ao tratar das práticas corporais durante o processo de educação, de avaliação e de ação do cavaleiro. Todas elas são precedidas de valores que as potencializam. O exemplo do equilíbrio no uso da força pode ser evidenciado quando Lúlio salienta que o cavaleiro possui força para livrar a dama do inimigo, mas essa mesma força pode ser usada contra ele, caso ele seja apoderado pelo ‘lobo faminto’ da luxúria. Dessa forma, é necessário que a virtude passe a administrar suas ações, pois o cavaleiro não pode atentar contra as damas que deve proteger – daí a importância do equilíbrio no uso da força. Sendo assim, caso a qualidade física da força existisse para esse cavaleiro sem uma conduta social que buscasse controlar, por exemplo,



suas pulsões sexuais, o cavaleiro não cumpriria sua função de defender a dama. O mesmo equilíbrio é necessário no que se refere a ter força para expulsar salteadores e precisar se controlar frente ao ímpeto de pegar os resultados das pilhagens para si.

Lúlio (2000) salienta, ainda, que a questão do físico é tão importante à Ordem de Cavalaria que nem a riqueza, nem a nobreza de coração, nem a linhagem são suficientes se o pretendente a cavaleiro não for fisicamente capaz dos trabalhos da Ordem. Por outro lado, de nada adianta um corpo preparado para as funções de cavalaria, com força e agilidade suficientes, sem a fé e a consciência de sua função de exemplo perante os homens com quem convive. Menos ainda interessa a Lúlio (2000) que o cavaleiro busque na Ordem exaltar seu corpo ou preocupar-se somente com sua boa aparência. Para ele, o ofício convém mais à virtude da alma do que à natureza do corpo.

### **Considerações Finais.**

Este trabalho objetivou apresentar a educação do cavaleiro medieval sob a ótica de Raimundo Lúlio no século XIII que se refere a uma educação que une práticas corporais e valores morais. Dessa forma, consideramos essa proposta luliana para a educação do cavaleiro para além das questões corporais, como uma educação para a vida.

Entendendo a Educação Física como uma área que, hoje assim definida, mas que no decorrer da história das práticas corporais, por outras determinações, em diversos momentos, preconizou a educação para valores sociais, não desvinculando-os das práticas corporais, entendemos que esta obra, no bojo das transformações do século XIII, nos auxilia a perceber como homens de seu tempo observavam a educação corporal e moral no decorrer de sua própria história.

Além disso, essa obra nos auxilia a compreender elementos da história da educação e das práticas corporais, demonstrando que as sugestões das diversas metodologias emergentes e consagradas da Educação Física, que sugerem uma educação que envolva tanto práticas corporais quanto a transmissão de valores, são construções históricas às quais muitos homens dedicaram-se anos e séculos atrás.

### **Referências**

#### **Fontes Primárias**





LLULL, Ramon. **O livro da Ordem de Cavalaria**. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000.

LLULL, Ramon. **Vida Coetania**. Tradução: Prof. Ricardo da Costa Revisão: Prof. Dr. Alexander Fidora (Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main) Supervisão: Prof. Dr. Fernando Domínguez Reboiras (Raimundus-Lullus-Institut, Albert-Ludwigs-Universität). Freiburg im Breisgau, 1999.

### Estudos

CAMPOS, Rita de Cássia Boeira. O próximo como o “outro”: Cristianismo e Judaísmo na *Corte Imperial* (Portugal, século XV). **Dissertação**. Programa de Pós Graduação em História UFRGS, Porto Alegre, 2005.

COSTA, Ricardo da. **O Livro da Ordem de Cavalaria**. Tradução, notas, prefácio, autor e obra, cronologia de obras. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Tradução Pedro Susseking, Rio de Janeiro: Zahar, 1994a

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**. Uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

FLORI, Jean. **A Cavalaria**. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média. Trad. Eni Tenório dos Santos. São Paulo, Madras, 2005.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro**. Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

JAULENT, Esteve. **Raimundo Lúlio: um único pensamento e um único amor**. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Ramundo Lúlio. Disponível em: <http://www.ramonllull.net/lojaweb/index.php/raimundo-lulio-um-unico-pensamento-e-um-unico-amor-ebook.html>.

JAULENT, Esteve. Os problemas enfrentados por Lúlio em Paris: A Cruzada e a luta contra o averroísmo, Ramon Llull - **Escritos antiaverroístas**, Pensamento Franciscano, vol.IV, EDIPUCRS 2001.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógico do esporte**. Ijuí: Unijui, 1994.

MATA, Santiago. **El hombre que demostró el cristianismo**. Ramon Llull. Madrid, Anzos, S.L. Fuelambrada, Ediciones Rialp, 2006

SOARES, C.L. et al. **Metodologia do ensino de educação física/coletivo de autores**. [Coord. Selma G. Pimenta e José Carlos Libâneo]. São Paulo: Cortez, 1992

SOARES, C. L. **Imagens da Educação no Corpo**. Campinas, Autores Associados, 2002.



ROQUE, Maria-Àngels. Ramon Llull and Islam, the Beginning of Dialogue. Ramon Llull and the indispensable dialogue. *In: Ramon Llull and Islam, the Beginning of Dialogue. Quaderns de la Mediterrània*. Institut Europeu de la Mediterrània. Barcelona, n.9, 2008.

ZIERER, Adriana. O modelo Pedagógico de Cavaleiro segundo Ramon Llull. *In: OLIVEIRA, T. e MACHADO, M. C. G.(org) Educação na História*. São Luiz, MA. Editora UEMA, 2008